

DESCORTINANDO O MUNDO: PRÁTICAS E PERSPECTIVAS NO EXERCÍCIO DO OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE A CIDADE

Adriana David Ferreira Gusmão*
Andrecksia Viana Oliveira Sampaio**

RESUMO

O artigo propõe a discussão sobre a importância da análise do espaço geográfico como recurso à prática de ensino da Geografia. A reflexão sobre a complexidade subjetiva, as diferentes formas de moradia e trabalho, assim como as condições socioeconômicas e socioespaciais do viver humano não devem ser vistos como mera descrição de fatos e sistemas, mas considerando todas as suas nuances e relações escalares integradas, realizando a verdadeira leitura de mundo. Na práxis realizada os licenciandos foram orientados a elaborar questionários, entrevistar pessoas, observar o fluxo de usuários fixos e sua localização, analisar o entorno e as mudanças promovidas, a discutir a valorização ou não do espaço próximo e a compreender a imaterialidade de aspectos que circundam a realidade observada. O objetivo foi promover o exercício de olhar o espaço onde os alunos circulam diariamente, mas sobre o qual não haviam realizado a análise geográfica tão necessária à ciência.

Palavras-chave: Ensino de geografia. Espaço geográfico. Olhar geográfico.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade discorrer sobre a experiência inerente à geografia, estruturada com base na análise do espaço geográfico, considerado aqui como recurso indispensável para o desenvolvimento de práticas de ensino e aprendizagem e que deve ser o ponto de partida e de chegada para professores e alunos que desejam realizar uma abordagem dinâmica, real e contínua dos conceitos e conteúdos provenientes da referida ciência.

As múltiplas relações espaciais, sociais, econômicas e políticas que se revelam diariamente no cenário da vida em sociedade, revelam-se como complexas, instigantes, ativas, mutáveis, materiais e imateriais que conduzem a um emaranhado de sensações e percepções

* Prof.a Ms. da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Endereço eletrônico: adrianadgusmao@gmail.com

** Prof.a Ms. da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Endereço eletrônico: viladea@yahoo.com.br

que, muitas vezes, são desconsideradas ou camufladas pelo padrão de ocorrência que destitui os sentidos da visão crítica e analítica que todos podem desenvolver. Nesse sentido, a especialidade do trabalho do geógrafo consiste em estabelecer recortes formais dessa sociedade, entendê-los em suas variadas nuances e ensaiar, com base nas diversas teorias disponíveis, a percepção e análise próprias à condição de professores e estudantes da geografia.

Assim, a experiência aqui relatada revela as possibilidades de compreensão, por parte dos geógrafos, dessa teia de acontecimentos e afirma a necessidade de romper com as barreiras impostas pela pouca visão de mundo que tem se instalado nas práticas cotidianas da sala de aula, muitas vezes, fechada ao que acontece ali, fora das paredes, portas e janelas.

2 A ESPECIFICIDADE DO TRABALHO DO GEÓGRAFO

O olhar do botânico sobre uma planta, o olhar do veterinário sobre um animal, o olhar do paleontólogo sobre um fóssil... Olhares especializados sobre o objeto de interesse resultam em conhecimento e explicações para as mais variadas questões. Dessa maneira, o olhar intencional e afinado do Geógrafo sobre o espaço ou fato geográfico é o recurso primordial que estudantes e professores podem desenvolver quando se trata da compreensão de mundo e da prática de ensino e aprendizagem em Geografia. No entanto, nem sempre percebemos essa especialidade aplicada aos exercícios cotidianos de ir e vir, nas atividades pedagógicas propostas pelos professores, no trânsito metodológico produzido na academia ou nas salas de aula do ensino fundamental e médio. Muitas vezes, percebe-se o desprezo justamente por aquilo que deveria ser o cerne do trabalho dos professores e alunos de geografia: o olhar embevecido e particularizado sobre o detalhe peculiar que alimenta a ciência.

De acordo com Moreira,

[...] Os geógrafos sempre tiveram muitas idéias na cabeça e uma câmara na mão, mas no geral raras vezes essas duas coisas estiveram concatenadas. Nos dias de hoje, as idéias estão sem arrumação e a câmara sem um olhar geograficamente orientado.

As idéias e a câmara formam em sua unidade o perfil do geógrafo, tanto quanto do cineasta, embora idéias e câmara tenham natureza diferente para um e outro. E em ambos as idéias orientam e dão vida à máquina (e não o contrário) e fazem-na gerar um produto que será a imagem no espelho real sensível da câmara arrumado pelas idéias (2007, p.13)

De que servem os inúmeros tratados, livros e discursos geográficos sem o devido ajuste do olhar à cena que se pretende avaliar, conhecer ou detalhar? O ajuste à câmara de que trata Moreira (2007) remete à reflexão sobre as possibilidades de se fazer a análise especializada pertinente à geografia.

A infância e sua exorbitância positiva de questionamentos acerca do mundo trazem consigo a marca do desejo de conhecer, de explorar e de significar tudo que aparece frente aos olhos, ávidos por respostas. Aos poucos, muito se perde desse desejo e a idade adulta ofusca a presença da pergunta que dá lugar às preocupações e anseios imponderados pela sobrevivência. Dessa forma, crianças e homens diferem na qualidade da observação dos fatos e das coisas, no interesse pelas perguntas cotidianas e simples que sustentam a existência dos que pesquisam para responder. Esse interesse, por sua vez, não deve ser abandonado pela geografia e por quem se interessa por ela, ao contrário, deve ser o ponto de partida e o erário da ciência que se diferencia das demais pela sua especificidade de conhecimento de mundo.

Não se trata, porém, de conhecer apenas o aparente, mas sim, da reflexão sobre a complexidade subjetiva, as múltiplas reflexões e relações escamoteadas, as diferentes formas de moradia e de trabalho, assim como as condições socioeconômicas e socioespaciais do viver humano. Não se trata então da mera descrição de fatos e sistemas, mas do olhar que promove o raciocínio lógico sobre a existência do homem sobre a Terra em todas as suas nuances e relações escalares integradas, realizando a leitura de mundo.

Sobre isso, Callai afirma:

Uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens. Desse modo, ler o mundo vai muito além da leitura cartográfica, cujas representações refletem as realidades territoriais, por vezes distorcidas por conta das projeções cartográficas adotadas. Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos) (2005, p.229).

Considerando as *formas* como um dos aspectos a serem tratados pelo método geográfico proposto por Santos (1985) – forma, estrutura, processo e função – pode-se afirmar que é possível utilizá-las como componente físico da estrutura espacial que representam as mudanças, as permanências, a utilização e evolução da técnica além do percurso histórico e social esquadrinhado pelos homens na produção do espaço geográfico. Dessa maneira, o estímulo à observação das formas, realizado pelo professor, torna-se fundamental para que o

aluno possa construir noções e desbravar o emaranhado de coisas e fatos que, em alguns momentos cintilam e, em outros, tornam-se opacos, dependendo da regulação do olhar.

Para Santos

[...] Cada combinação de formas espaciais e de técnicas correspondentes constitui o atributo produtivo de um espaço, sua virtualidade e sua limitação. A função da forma espacial depende da redistribuição – a cada momento histórico, sobre o espaço total – da totalidade das funções que uma formação social é chamada a realizar. Esta redistribuição – relocação deve tanto às heranças, notadamente o espaço organizado, como ao atual, ao presente, representado pela ação do modo de produção ou de um dos seus momentos (2008, p.31).

O espaço geográfico e seu conteúdo, muitas vezes desprezado e pouco observado pelos professores e alunos de geografia, se configuram como a expressão clara dos movimentos da sociedade e da sua evolução, aliando a isso as transformações promovidas pelo curso da história que é carregado de intencionalidades, erros e acertos resultantes do trabalho do homem e a escola, por sua vez, deve promover a aproximação entre essa ação e o projeto didático. Um terremoto, um tornado, uma enchente são fenômenos de repercussão espacial, social e econômica e devem ser analisados sob essas diferentes óticas e não apenas pelo viés físico comumente discutido em sala de aula. O que interessa ao geógrafo muitas vezes encontra respaldo explicativo no caráter imaterial e nos rebatimentos para a sociedade, devendo ser considerado e abordado pelo professor.

3 A CIDADE COMO TEMA DE ESTUDO

A cidade, a rua, as estradas, a fábrica, participam no desenrolar das atividades sociais e, apresentam, predominantemente, signos de regulação social. Além das formas visíveis presentes na cidade, na rua, nas estradas ou na fábrica, o valor simbólico é acrescentado às funções desempenhadas por essas formas (FRÉMONT, 1980). O autor destaca que a cidade está impregnada de valores simbólicos que podem exprimir a ordem vigente ou, de forma sutil, ordens desaparecidas.

[...] todo o lugar tem significado. Combinação de elementos econômicos, ecológicos, sociológicos e demográficos, num espaço reduzido, o lugar visualiza-se através de uma forma que se integra na paisagem local e regional. Aquilo que representa deve ser decifrado um pouco como uma linguagem, a linguagem dos homens falando com o espaço como um meio de expressão (FRÉMONT, 1980, p. 139).

Nessa perspectiva a cidade se apresenta como um texto a ser interpretado, buscando promover a compreensão dos signos presentes, os quais refletem uma dimensão visível (nas formas espaciais) e um valor simbólico (associado às funções das formas espaciais). Os conceitos geográficos fundamentam a interpretação do espaço geográfico contribuindo para superar a visão superficial da realidade social espacializada.

Pontuschka *et al.* (2007) destacam que explicar a construção do espaço local inserido em um contexto geográfico e histórico nacional e internacional é possível por parte do professor de Geografia utilizando teorias e métodos ao realizar a leitura do espaço urbano ou rural. Para tanto, o uso de fontes bibliográficas e de acervo fotográfico que registra momentos e paisagens do passado comparadas às da atualidade, por meio de cartas geográficas de diferentes tipos, permite a construção de referenciais para a análise da relação entre a escala local e as demais escalas geográficas.

A cidade apresenta uma dimensão material na qual as formas espaciais assumem funções, a fim de atender às determinações econômicas e políticas. Os processos sociais (na relação entre os homens e entre homem e natureza) que originam as formas espaciais, assim como as funções que estas formas assumem, estão impregnados de valores simbólicos que, por sua vez, influenciam na produção do espaço ao atribuir sentidos de pertinência, de identidade ou de alteridade, dentre outros que podem ser atribuídos ao espaço urbano e que estão presentes na sua produção.

A cidade emerge, então, como elemento importante na articulação e compreensão dos conceitos e categorias geográficas. A sua análise possibilita compreender os processos que engendram a vida humana no espaço e no tempo permitindo a compreensão da articulação entre o “vivido”, o “percebido” e o “concebido” e, ainda, permite a compreensão dialética da relação global/local.

Além disso, o estudo da cidade, em sala de aula e fora dela, cria condições para que o educando interprete e reflita acerca das múltiplas relações que se processam no cotidiano. Portanto, ao se analisar a cidade, em suas múltiplas dimensões, praticamente todos os conteúdos geográficos podem ser contemplados.

A formação de professores deve se assentar sobre uma perspectiva de pensamento crítico-reflexivo, que ofereça aos futuros docentes as ferramentas pedagógicas que facilitem as dinâmicas de autoformação participada. Portanto, “estar em formação” pressupõe um desenvolvimento pessoal, um trabalho criativo sobre os caminhos e projetos próprios, que visem a construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional.

3.1 Experienciando as reflexões e refinando o olhar geográfico

“Onde e por que nesse lugar? Como é esse lugar? Quem frequenta esse lugar? O que se faz nesse lugar?” Com base nessas perguntas pode-se analisar um determinado objeto da cidade em seus aspectos físicos, humanos, econômicos e que podem ser transformados em aspectos culturais, ambientais e geopolíticos.

Assim, observados de perto, os elementos se transformam em conteúdos geográficos ensinados de forma eficaz no sentido de cumprir seu papel na escola: formação geral dos cidadãos e desenvolvimento da capacidade de leitura da realidade.

Considerando essa dinâmica de ensinar e aprender em bases significativas e reflexivas, foram desenvolvidas diversas atividades com a finalidade de exercitar o olhar geográfico, durante as aulas da disciplina Vivências Geográficas Interdisciplinares, para a turma do V semestre de Licenciatura plena em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Baseando as práticas nos estudos da teoria de Milton Santos (1985) sobre *estrutura, forma, processo e função*¹ os alunos da referida turma desenvolveram um trabalho de pesquisa com base em diversos fixos localizados em Vitória da Conquista – Ba. Foram eles: shopping center, central de abastecimento (Ceasa), hospital regional, posto de saúde, comércio informal, biblioteca municipal, fórum e universidade estadual, elementos observáveis que conduziram à análise de movimentos considerados por Cavalcanti,

Há diferentes movimentos na cidade, em direção ao desenvolvimento, ao “progresso”, à ampliação de sua malha, em direção ao futuro e à reafirmação das cidades concretas como lugares da vida dos homens. Mas, há um movimento que tem uma força muito grande e que tem a dimensão do cotidiano. É no dia a dia que as coisas devem funcionar [...]. Quer-se dizer, com isso, que o arranjo espacial visa em primeiro lugar permitir que a vida urbana ocorra, cotidianamente, obedecendo a uma rotina diversificada das pessoas que hoje estão na cidade, dos que nela moram efetivamente e dos que frequentam constante, periódica ou episodicamente. (2007, p.19)

Durante o trabalho, os questionamentos foram elaborados em razão da descoberta de sistemas de objetos e de ação² relacionados ao fixo principal e as respostas encontradas revelaram resultados instigantes sobre o não visível e que estava diretamente vinculado ao objeto foco da pesquisa.

Nesse trabalho, os licenciandos foram orientados a elaborar questionários, entrevistar pessoas, observar o fluxo de usuários dos fixos e a localização, analisar o entorno e os rebatimentos promovidos pelos estabelecimentos assim como a valorização ou não do espaço próximo, a compreender a imaterialidade de aspectos que circundam a realidade

observada. O objetivo foi promover o exercício de olhar o espaço onde os alunos circulam diariamente, mas sobre o qual nunca, antes, haviam feito a análise geográfica com o refino de olhar típico, necessário à ciência.

Dessa maneira, foi possível estruturar um conhecimento rico e claro sobre as formas, funções, estruturas e processos presentes nos fixos escolhidos para a análise assim como relatar, de maneira segura e metodologicamente delineada, os padrões de constituição dos elementos presentes no espaço geográfico, neste caso, na cidade de Vitória da Conquista - BA.

As vias de circulação, o transporte público, os desdobramentos na oferta de serviços decorrentes desse ou daquele fixo, os novos fixos, a função social e econômica desempenhada pelos sistemas de objetos e de ação integrados revelaram uma dinâmica estruturada e a produção do espaço geográfico que acontece numa ordem, muitas vezes excludente, às vezes tangível, noutras não e que, por isso mesmo, merece atenção.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os alunos descobriram que avaliar um determinado objeto ou fenômeno com base no uso das ferramentas dispostas pela geografia referenda o diferencial da ciência, reafirma o conhecimento técnico e inerente à especificidade dos temários e das nuances próprios, rompendo com o senso comum e atribuindo um caráter de valorização ao trabalho do geógrafo.

Compreender o espaço onde se vive, comparado a uma escala maior, remete ao reconhecimento da cidade como um lugar da diferença, de integração e, ao mesmo tempo, de segregação, lugar conflituoso, complexo, desigual, revelador de interesses e intenções diversos e que, longe de serem justos, revelam as práticas sociais, culturais e cotidianas da produção do espaço.

UNVEILING OF THE WORLD: PRACTICES AND PERSPECTIVES IN THE EXERCISE OF THE GEOGRAPHIC LOOK ON THE CITY

ABSTRACT

The article proposes a discussion about the importance of the geographical space's analysis as a resource to the practice of geography teaching. The reflection on the subjective complexity, the different forms of housing and work, as well as the socioeconomic and sociospatial conditions of human living should not be seen as mere description of facts and systems, but considering all its nuances and integrated scalar relations, performing real world reading. Done in praxis, the licensees were instructed to prepare questionnaires, interview people, take notice of the flow of fixed users and their location, examine the surroundings and the changes promoted, to discuss the valuation or not of the space around and understand the immateriality of issues surrounding the observed reality. The objective was to promote the exercise of looking at the space where students circulate daily, but over which he had not conducted the analysis as necessary to geographical science.

Keywords: Geography teaching. Geographical space. Geographic look.

NOTAS

¹ De acordo com Milton Santos (1985), a organização do espaço pode ser analisada com base nos conceitos de estrutura, forma, processo e função que os sistemas de objetos e os sistemas de ação apresentam. Em resumo, a *forma* é o aspecto visível do objeto, incluindo o seu arranjo, que pode apresentar um padrão espacial; a *função* refere-se a uma tarefa, atividade ou papel a ser desempenhado pelo objeto; a *estrutura* constitui a maneira pela qual os objetos estão inter-relacionados entre si, e não possui uma exterioridade imediata - ela é invisível, subjacente à forma, uma espécie de matriz na qual a forma é gerada; o *processo* seria uma estrutura em seu movimento de transformação, ou seja, é uma ação constante que visa um resultado e requer tempo e mudanças.

² Por sistemas de objetos de caráter geográfico, entende-se, segundo Santos (2004), não apenas coleções de objetos mas sua utilidade atual, passada ou futura, seu uso combinado pelos grupos humanos que o criaram, assim como seu papel simbólico ou funcional. Os sistemas de ação, por sua vez revelam, segundo Santos (2004), os objetivos e finalidades da existência do próprio homem. Só o homem tem ação, que resulta das necessidades materiais, imateriais, econômicas, sociais, culturais, morais, afetivas que conduzem o homem a agir.

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo:** a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Caderno Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 18 de maio de 2010.

CAVALCANTI, Lana. **Cidade e vida urbana:** a dinâmica do/no espaço intra-urbano e a formação para a participação em sua gestão. In: PAULA, Flávia Maria de Assis (org). A cidade e seus lugares. Goiânia: Editora Vieira, 2007.

FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido.** Tradução de Antônio Gonçalves. Coimbra: Almedina, 1980.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e Ser em Geografia.** São Paulo: Contexto, 2007.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia.** São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, M. **Espaço e Método.** São Paulo, Nobel, 1985.

SANTOS, M. **Da Totalidade ao Lugar.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

Artigo recebido para avaliação em 04/06/2010 e aceito para publicação em 01/09/2010.